

A evidência do pecado original

DUARTE DA CUNHA

A propósito da festa da Imaculada Conceição, o Padre Armindo Vaz escreveu um artigo no DN (*ver edição de 09-12-2001*) onde parece negar o Pecado original. Pelo contrário, parece-me que este é dos dogmas mais evidentes.

É fácil de ver que um mundo cheio de violência, vingança, medo e egoísmo não corresponde à vontade de Deus e está longe de ser o mundo que nós queremos. A paz, o amor, a verdade, a justiça são muito mais correspondentes ao desejo de todos. E, no entanto, não conseguimos construir esse mundo! Acreditamos que Deus criou-nos livres para vivermos a verdade do amor, mas parece que

sozinhos não o conseguimos. No contexto da festa do Natal sempre se perguntou: porque é que Deus Se fez homem? Era mesmo preciso? E tinha mesmo de morrer na cruz? Sabemos que depois veio a ressurreição e com ela a vitória do Bem, mas mesmo assim não podemos deixar de querer perceber o porquê de tão grande Mistério.

Procurando responder a esta questão, a Igreja diz no Credo: «(...) por nós homens e para nossa salvação, desceu dos Céus e encarnou.» Deus fez-se homem porque nos ama e sempre amou, mas também porque, de facto, precisávamos de ser salvos.

Mas salvos de quê? Se fosse apenas o que diz o padre Armindo Vaz, quando afirma que «a raiz do mal moral não é um pecado

original, mas a vontade livre, que responsabilmente toma opções», então, o homem só tinha de aprender a escolher bem. Não precisava de ser salvo de nada, bastava ser ensinado! Contudo, essa não é a nossa experiência. Todos sentimos que aquilo que queremos é maior do que nós, e, além disso, descobrimos em nós uma tendência para fazer o contrário, há em nós uma ferida: temos a marca do Pecado original!

Como diz o Catecismo da Igreja: «tentado pelo Diabo, o homem deixou morrer no coração a confiança no seu Criador», e, por causa da unidade de todo o género humano, «todos os homens estão implicados nesse pecado».

A Sagrada Escritura mostra que há uma relação entre a vinda

de Jesus, a salvação do homem e o pecado. E, se há uma relação tão íntima entre Jesus Cristo e o pecado, se a cura é tão impressionante, quer dizer que a doença é coisa séria. Com isto não se diminui o homem, pelo contrário: reconhecendo o que Deus fez para nos salvar, percebemos como é terrível o pecado e como é grande o valor que temos. Estou convencido de que, se negarmos o Pecado original, além de contrariarmos a doutrina da Igreja, tornamos incompreensível o porquê da Encarnação e não percebemos o mundo em que vivemos.

Padre Duarte da Cunha é membro do movimento Comunhão e Libertação

AGENDA

■ **Debate.** Na Universidade Católica, em Lisboa, realiza-se no dia 28 o seminário «A celebração do domingo – questões abertas em virtude de uma crescente escassez de presbiteros», organizado pelo Centro de Estudos Sócio-Pastorais.

■ **Conferência.** «O futuro da Igreja Católica», é o tema da conferência que o teólogo espanhol, Victorino Perez Prieto, vai apresentar no auditório do Instituto Cervantes (Rua de Santa Marta, 43) no dia 30, às 18 e 30. A organização é do Movimento Nós Somos Igreja e do Centro de Reflexão Cristã.

■ **Semana.** De 4 a 6 de Fevereiro a Faculdade de Teologia de Lisboa promove a sua XXIII Semana de Teologia, com o tema «Não invocarás o nome do senhor teu Deus em vão».